



Bolsas Na segunda-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na segunda-feira	Salário mínimo Últimos	Euro Comercial, venda na segunda-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,59% São Paulo	139.863 3/9	R\$ 5,417 (+ 0,09%)	5,474 2/setembro 5,452 3/setembro 5,446 4/setembro 5,412 5/setembro	R\$ 1.518	R\$ 6,372	14,90%	0,56 Março/2025 0,43 Abril/2025 0,26 Maio/2025 0,24 junho/2025 0,26 Julho/2025

GUERRA COMERCIAL

Emissário dos EUA vai a evento do Lide

Diretor sênior de assuntos do hemisfério ocidental, Michael Jansen participa hoje, em Washington, de encontro com brasileiros

» DENISE ROTHENBURG*
Enviada especial
» EDUARDA ESPOSITO

Washington DC e Brasília — Enquanto os políticos preveem um acirramento das tensões entre Brasil e Estados Unidos por causa da perspectiva de condenação do ex-presidente Jair Bolsonaro, empresários norte-americanos e brasileiros reúnem-se para debater formas de cooperação bilateral, a fim de superar o tarifaço de Donald Trump aos produtos do Brasil. A ordem é voar acima das turbulências políticas entre os dois países e, nessas conversas, eles já conseguiram um canal, durante o Lide Brazil Development Fórum, na capital americana.

A Casa Branca enviará, hoje, à reunião dos brasileiros no Milken institute, no segundo dia do fórum organizado pelo Lide, o diretor sênior de assuntos do hemisfério ocidental, Michael Jansen. Seu nome não constava da programação oficial, divulgada há alguns dias.

A presença de Jansen é um gesto da Casa Branca ao Instituto Milken, um dos maiores think-tanks dos Estados Unidos, cujo papel tem sido juntar empresários e quem possa investir no desenvolvimento dos negócios. Sem a presença da imprensa, a reunião de hoje contará com a participação de fundos de investimentos.

Da parte do Lide, houve todo um esforço no sentido de afastar conotações políticas da reunião. Já na abertura do fórum, ontem, o presidente do Lide, João Doria Neto, deu o recado: “Nossa agenda não é política. É 100% econômica e voltada aos negócios. Tenho que fazer esse reforço, dada a situação entre os dois países”. Logo em seguida, a presidente do Lide de Washington, Fernanda Baggio, ressaltou que o momento de tensão tarifária entre os dois países pode resultar em oportunidades. “Vivemos um momento desafiador na conjuntura global e também nas relações entre Brasil e Estados Unidos, mas é justamente nesses momentos que surgem as maiores oportunidades de diálogo, cooperação e de construção de pontes

duradoras. Os países compartilham uma longa história de parceria estratégica, e hoje essa relação se renova com foco em inovação, sustentabilidade e investimentos em setores fundamentais como infraestrutura, energia, tecnologia e agronegócio”, destacou.

O cochairman e fundador do Lide, João Doria, ex-governador de São Paulo, reforça, em todas as oportunidades, que os empresários precisam centrar seus esforços nessa tarefa de voar acima da zona de turbulência provocada pela polarização política. Doria é incisivo ao dizer que usar a reciprocidade na questão das tarifas não é o caminho e que o país deveria buscar o diálogo. “A pior alternativa que o Brasil pode adotar é estabelecer reciprocidade. Porque isso não é reciprocidade, é agressividade. Você devolve, com a mesma agressividade que recebeu, ao país que erra e que comete o equívoco de ser agressivo, porque não há nenhum fundamento técnico para a medida que foi adotada pelo governo americano”, defendeu.

Antes do encontro no Milken Institute, hoje pela manhã, os empresários e gestores estaduais têm encontro marcado na sede do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). A vice-presidente do Banco, Anabel González, destacou, no seminário de ontem, o grande portfólio de investimentos que o banco tem no país e os programas que auxiliam o Brasil a captar investimento estrangeiro e conquistar novos mercados.

“Hoje, contamos com R\$ 42 bilhões em financiamentos com estados e municípios brasileiros, o que representa quase 80% do nosso portfólio no país. Além disso, junto com o governo federal, estamos desenhando um programa para fortalecer as capacidades dos estados na atração de investimento estrangeiro e no apoio às empresas no comércio exterior. Este apoio se complementa com nosso trabalho em temas-chave, como a governança para a exploração sustentável de minerais críticos e a promoção de infraestrutura sustentável, chave para melhorar a competitividade do país”, pontuou.

* **A jornalista viajou a convite do Grupo Lide**

Vanessa Carvalho/Brazil Photo Press



Segundo Anabel González, vice-presidente do Bid, o banco está elaborando um programa para apoiar empresas brasileiras no comércio exterior

Brics debate “chantagem tarifária”

» FERNANDA STRICKLAND

Durante a Cúpula Virtual do Brics, realizada ontem, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva convocou os países do grupo a uma reação ao que chamou de “chantagem tarifária”, sem mencionar diretamente os Estados Unidos. Ele destacou que os cinco países que compõem o agrupamento concentram 40% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial e quase metade da população do planeta, o que, segundo ele, confere legitimidade para “refundar o sistema multilateral de comércio em bases modernas, flexíveis e voltadas ao desenvolvimento.”

Lula afirmou que o cenário internacional atravessa uma crise de governança, com a Organização

Mundial do Comércio (OMC) paralisada e princípios fundamentais do livre-comércio sendo abandonados. O mandatário brasileiro defendeu o aprofundamento do comércio e da integração financeira entre os países do Brics como mecanismo para reduzir os impactos do protecionismo. Ele ressaltou o potencial do grupo para promover uma “industrialização verde”, aproveitando a complementaridade entre exportadores e consumidores de energia, além da ampla base agrícola, responsável por 42% da produção agropecuária mundial. Nesse contexto, destacou o papel estratégico do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), conhecido como Banco do BRICS,

na diversificação econômica e na transição sustentável.

No encontro virtual, o presidente chinês, Xi Jinping, pediu aos países do Brics que defendam em conjunto o multilateralismo e o sistema multilateral do comércio, segundo a agência estatal chinesa de notícias Xinhua.

“Nesta encruzilhada crítica, os países do Brics, ficando na dianteira do Sul Global, devem agir conforme o Espírito do Brics de abertura, inclusão e cooperação de ganhos compartilhados, defender em conjunto o multilateralismo e o sistema multilateral do comércio e promover cooperação maior no Brics, e formar em conjunto uma comunidade com futuro compartilhado para a humanidade”, disse Xi.

COP30

A agenda ambiental também foi tema das discussões. Lula convocou os parceiros do grupo a apoiar a criação de um Conselho de Mudança do Clima da ONU e antecipou que, durante a COP30, em Belém, será lançado o Fundo Florestas Tropicais para Sempre, destinado a remunerar os países que preservam biomas estratégicos.

“O Brics já é o novo nome da defesa do multilateralismo”, concluiu Lula, reforçando que o bloco deve se apresentar de forma coesa nas próximas reuniões internacionais, como a Assembleia Geral da ONU, a Conferência Ministerial da OMC e a COP30.

BANCOS

Vanessa Carvalho/Brazil Photo Press



Ibaneis calcula perdas em torno de R\$ 5 bi com a demora do BC

BRB ainda não bateu martelo sobre Master

» DENISE ROTHENBURG*
Enviada especial
» ROSANA HESSEL
» EDUARDA ESPOSITO

Washington e Brasília — O governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha (MDB) afirmou, ontem, no Lide Brazil Development Fórum, em Washington, que o Banco de Brasília (BRB), subordinado ao GDF, não desistiu de comprar o Banco Master. Além disso, defendeu um socorro à instituição financeira, alegando que “pode trazer um grande risco para o sistema financeiro como um todo.”

“A dilapidação do Master, que está se mostrando, pode trazer um grande risco para o sistema financeiro como um todo. Quanto antes o Banco Central soltar isso, até para dar oportunidade para o BRB

avaliar se vai avançar no negócio ou se vai desistir. E desistindo, se outra instituição, seja privada ou pública, tem interesse em comprar esse capital”, argumentou o emedebista, que defendeu a nacionalização da instituição financeira com a operação.

Na noite do último dia 3, o BRB informou ao mercado, por meio de fato relevante, que o Banco Central barrou a operação de compra do Banco Master, envolvendo a aquisição de 49% das ações ordinárias (com direito a voto) e 100% das preferenciais (sem direito a voto, mas com prioridade no recebimento de dividendos). Na ocasião, informou que “apresentou solicitação de acesso à íntegra da decisão, com o objetivo de avaliar seus fundamentos e examinar as alternativas cabíveis”. Na mesma linha, o Master

continuava, ontem, informando em sua página na internet que “aguarda ter acesso à íntegra do documento para avaliar seus fundamentos e examinar as alternativas cabíveis sobre a decisão do Banco Central a respeito da negociação com o BRB”.

Ibaneis reforçou que o BRB aguarda a íntegra da decisão e somente depois de conhecer os fundamentos, o banco deverá decidir qual saída seguir. “Se for inviável, nós vamos parar e vamos, realmente, trabalhar outras oportunidades para que o BRB possa avançar e continue crescendo”, afirmou.

Após o recebimento da íntegra do veto, o banco tem até 10 dias para solicitar uma revisão, contudo, fontes próximas do BC afirmam que a decisão da diretoria colegiada dificilmente será revista. Na tarde de ontem, o presidente do Master,

Daniel Vorcaro, esteve em Brasília e se reuniu com o presidente do BC, Gabriel Galípolo. A audiência foi fechada à imprensa e, na agenda da autoridade monetária, o tema da reunião foi “assuntos institucionais”.

O governador afirmou que a demora do BC em enviar a decisão ao BRB pode onerar os cofres públicos em torno de R\$ 5 bilhões, que é a estimativa de desembolso do Fundo Garantidor de Crédito (FGC) para os clientes do Master. O FGC é uma espécie de seguro para o investidor, com limite de até R\$ 250 mil por CPF em cada instituição financeira.

Ao ser questionada pelo **Correio** sobre a operação de compra do Master pelo BRB, a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) afirmou que “não comenta casos específicos”.